

Darcilia Simões  
(Org.)



*Linguagens,  
Códigos e Tecnologias*  
Estudos e Aplicações

 **Dialogarts**  
PUBLICAÇÕES  
2012

Apoio



Darcilia Simões  
(Org.)



***Linguagens,  
Códigos e Tecnologias***  
Estudos e Aplicações

Darcilia Simões  
(Org.)

**Publicações Dialogarts**

<http://www.dialogarts.uerj.br>

**Organizadora e Editora do volume**

Darcilia Simões

**Coord. Adjunto do projeto**

Flavio García

**Coordenador de divulgação**

Cláudio Cezar Henriques

**Diagramação**

Carlos Brandão

Igor Cesar

Marcos da Rocha Vieira

**Capa**

Carlos Brandão

**Revisão**

Ione Moura Moreira

Claudio José Bernardo

Elmar Rosa de Aquino

Marcelo Moraes Caetano

Marcos da Rocha Vieira

**Logo Dialogarts**

Gisela Abad

[gisela.abad@gmail.com](mailto:gisela.abad@gmail.com)

Conselho Científico da Editora

Membros Internos (UERJ)

Carmem Lucia Pereira Praxedes

Darcilia M.P. Simões

Flavio García

Júlio França

Magali Moura

Marcello de Oliveira Pinto

Maria Cristina Batalha

Regina Michelli

Rita Diogo

Tania Shepherd

Vania Lucia R. Dutra

Conselho Científico da Editora

Membros Externos

Aderlande Ferraz (UFMG)

David Roas (Univ. Autón. de Barcelona)

Desiree Motta Roth (UFSM)

Eliana Meneses de Melo (UBC-SP)

Elvira Lopes Nascimento (UEL)

Helena Valentim (Univ. Nova de Lisboa)

Jane Tutikian (UFRGS)

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)

Karin Volobuef (UNESP – Araraquara)

Liliane Santos (Univ. CDG – Lille 3)

Lucia Santaella (PUC-SP)

Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)

Maria Aparecida Barbosa (USP)

Maria do Socorro Aragão (UFPB/ UFCE)

Maria João Simões (Univ. de Coimbra)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Marta Cristina da Silva (UFJF)

Massimo Leone (Univ. di Torino)

Monica Rector (Univ. of North Carolina)

Patrícia Kátia da Costa Pina (UNEB)

Paulo Osório (Univ. da Beira Interior)

Regina da C. da Silveira (UniRitter-POA)

Roberval Teixeira e Silva (Univ. of Macau)

Rui Ramos (Univers. do Minho)

Sílvio Ribeiro da Silva (UFG)

Vera Nojima (PUC-RJ)

Vera Teixeira de Aguiar (PUC-RS)

Centro de Educação e Humanidades

UERJ — DEPEXT — SR3

Publicações Dialogarts

FICHA CATALOGRÁFICA

S593L

**LINGUAGEM, CÓDIGOS, TECNOLOGIAS,**

Estudos e Aplicações. / Darcilia Simões (Organizadora/Editora) – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2012. 124p.  
Publicações Dialogarts

Bibliografia

ISBN 978-85-8199-003-3

1. Semiótica. 2. Língua Portuguesa. 3. Multidisciplinar. I. Simões, Darcilia. II. Grupo SELEPROT/CNPQ. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Departamento de Extensão. IV. Título.

C D D

400.600

ISBN 978-85-8199-003-3



Correspondências para:  
UERJ/IL - a/c Darcilia Simões  
R. São Francisco Xavier, 524 - sala 11017-A/Anexo (LABSEM)  
Maracanã - Rio de Janeiro: CEP 20 569-900  
Contatos: [dialogarts@oi.com.br](mailto:dialogarts@oi.com.br)  
[darciliasimoes@gmail.com](mailto:darciliasimoes@gmail.com)  
[flavgarc@gmail.com](mailto:flavgarc@gmail.com)  
URL: <http://www.dialogarts.uerj.br>

Agradecemos aos colaboradores que tornaram possível essa produção auxiliando no convite e na administração dos trabalhos.

Aira Suzana Ribeiro Martins	Colégio Pedro II
Ana Lúcia M. R. Poltronieri Martins	UERJ
Claudia Moura da Rocha	UERJ / SME-Rio
Claudio Artur O. Rei	UNESA
Claudio José Bernardo	UERJ /SELEPROT
Elmar Rosa de Aquino	UERJ / Sistema Elite de Ensino
Ione Moura Moreira	FERLAGOS
Itamar de Oliveira	UERJ
Lucia Deborah de Araújo Cunha	UERJ / UNESA
Vania Lucia R. Dutra	UERJ / COLUNI-UFF
Maria Noêmi F. da C. Freitas	UERJ
Romulo Bolivar	UERJ / SME-Rio
Claudio Luiz de Abreu Fonseca	UFPA
Ana Cristina dos S. Malfacini	UERJ – UNIFOA
Claudio Manoel de Carvalho Correia	UFAM

## SUMÁRIO

<b>A AMBIGUIDADE NO FORRÓ DE DUPLO SENTIDO OU FORRÓ SAFADO</b>	<b>20</b>
SANTOS, Morgana Ribeiro dos	
<hr/>	
<b>A ARTE DE TROBAR MEDIEVAL E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA</b>	<b>33</b>
GONDIM, Ludmila Portela	
<hr/>	
<b>A CIDADE À LUZ DE UMA LEITURA SEMIÓTICA: TRANSITORIEDADE, PERMANÊNCIA, POÉTICA – “INSPIRAÇÃO” - MÁRIO DE ANDRADE</b>	<b>49</b>
MATOS, Raimundo Lopes	
<hr/>	
<b>A CONFIGURAÇÃO HIPERTEXTUAL DO MARTÍRIO DE CRISTO NO ROMANCE A MADONA DE CEDRO: LEITURAS DE SIGNOS NA TEOLOGIA CATÓLICA</b>	<b>65</b>
GOMES, Geam karlo	
<hr/>	
<b>A DIMENSÃO LINGUÍSTICA DO GÊNERO EX-VOTO: UMA ANÁLISE DOS PRIMEIROS QUADROS VOTIVOS DO BRASIL</b>	<b>78</b>
SANTANA, Doralice Pereira de	
MARÇALO, Maria João B. M.	
<hr/>	
<b>A EMPRESA DE LINGERIE DULOREN E SEU ADVERGAME DE SEDUÇÃO: “CENSURADA – MONTE SUA FANTASIA”</b>	<b>88</b>
COELHO, Patrícia M. F.	
<hr/>	
<b>A ESCRITA COMO DEVIR E O ENXERTO COMO JOGO CITACIONAL</b>	<b>99</b>
VELOSO, Ataíde José Mescolin	
<hr/>	
<b>A ESTILÍSTICA EM AÇÃO NO CANCIONEIRO BALSENSE</b>	<b>111</b>
SANDRI, Marcia Meurer	
HENRIQUES, Claudio Cezar	

## **A LÓGICA DA JUSTA MEDIDA: UMA LEITURA SEMIÓTICA DO CONTO A IMITAÇÃO DA ROSA, DE CLARICE LISPECTOR**

COELHO, Patrícia M. F.  
TIDD – PUC-SP/FAPEESP – patriciafariascoelho@gmail.com

COSTA, Marcos R. M.  
FFLCH – USP/FAPEESP – marcosrmcosta15@gmail.com

### **RESUMO:**

Nosso estudo tem por objetivo analisar, por meio de uma leitura semiótica, a lógica da justa medida na construção de identidade da protagonista Laura do conto A imitação da rosa, de Clarice Lispector. Essa personagem Laura, sendo um ator oscilante entre o eixo do limiar e o do limite, impõe-se como um campo de estudo para o desvelo da construção da lógica da justa medida, posto que essa lógica, como explica Fiorin (1989), prima pela ordem e pelo nivelamento das ações em meio ao um mundo, a princípio caótico. Desse modo, nosso estudo discute os desdobramentos desse conceito na esfera literária.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Lógica da justa medida; Semiótica; Conto.

### **INTRODUÇÃO**

A sociedade é definida como um conjunto de pessoas que vivem em certa faixa de tempo e de espaço, seguindo normas comuns, e que são unidas pelo sentimento de consciência do grupo, sendo, portanto, um verdadeiro corpo social, constituído a partir de normas e convenções. Os comportamentos sociais são um conjunto de práticas cuja função principal é determinar a posição de um indivíduo dentro desse corpo social. Por isso, as práticas desses comportamentos são importantes e significativas, devendo ser estudadas por meio de uma teoria do sentido, desse modo, para esse estudo nos ancoraremos no arcabouço teórico da semiótica de linha francesa, que desde seus primeiros estudos procura perscrutar as relações sociais e seus processos de significação (GREIMAS; LANDOWSKI, 1986).

Nosso estudo visa a investigar esses paradigmas sociais que transparecem no discurso seja este formal ou informal, protocolar ou coloquial. Havendo, nesses discursos, uma gradação de maior ou menor liberdade de comportamento, referente ao uso dessas normas. No entanto, essas normas não deixam de existir nas

diversas situações de nosso dia-a-dia, visto que “o sujeito que vive em sociedade é, assim, modalizado pelo dever. Essa modalização consta de prescrições (dever fazer) e de interdições (não dever fazer)” (FIORIN, 1989, p.348).

Por meio dessas prescrições e interdições o indivíduo é moldado para viver em sociedade e restringir a sua natureza. Confirmando assim a posição de filósofos e pensadores sobre a sociedade, entre eles Diderot, Rousseau, Nietzsche, Weber e Freud: *a civilização entristece o animal humano*, posto que domina o eixo da natureza (a animalidade, os instintos), euforizando o eixo da cultura (convenções e praxes sociais).

É pela performance adequada ou não a estes paradigmas sociais que cada indivíduo vai ser julgado, recebendo uma sanção positiva, caso aja em acordo (conjunção) entre a realização do ato e as normas, ou negativa, quando ocorre o desacordo (disjunção) entre essas partes. Assim, o indivíduo (sujeito) será considerado bem ou mal educado, uma pessoa agradável ou desagradável, conveniente ou inconveniente e, em última instância, até são ou insano, caso o sujeito rompa com as normas em absoluto. Decorrente dessa sanção cognitiva, pode (e quase sempre há) uma sanção pragmática: ser incluído em um grupo ou excluído dele.

Ao perceber isso, notamos, então, que a vida dos homens é pautada por uma lógica da gradualidade, seja em suas relações informais, seja em seus contratos de fidúcia. Sob os parâmetros dessa lógica, são considerados disfóricos o excesso (polo positivo) e a insuficiência (polo negativo), enquanto a justa medida é vista como o termo eufórico. Como explica Fiorin (1989, p. 350), “numa formação social, não se valorizam apenas as ações, mas também a maneira como elas são realizadas (seu aspecto)”, então analisamos a qualidade da ação (seu modo).

Ao fazer isso, constatamos que o modo social euforicamente valorizado deve ser neutro em relação aos polos categoriais: nem positiva nem negativa, nem excesso nem insuficiência. O que corrobora com a proposta de Fiorin (1989, p. 350): “a neutralidade (justa medida) preside à aspectualização dos comportamentos sociais”.

Essa lógica da neutralidade se observa em várias atitudes cotidianas, por exemplo, no ato de se cumprimentar: quando conhecemos um novo amigo, neste ato não devemos nem apertar demais a mão alheia (excesso), nem com tocá-la na ponta dos dedos (insuficiência), e sim de maneira convencional, com firmeza e polidez. A mesma lógica se aplica ao se conversar, o tom deve ser mediano, nem



aos gritos nem sussurrando aos ouvidos. Os exemplos poderiam se multiplicar, visto que, como estamos observando, cada gesto, dentro de uma sociedade regrada, é interpretado e sancionado coletivamente e também individualmente.

Observando esse panorama, nossa proposta é analisar, com base no estudo dessa lógica, o conto da autora Clarice Lispector, intitulado *A imitação da rosa*. Esse conto foi escrito entre os anos de 1954 e 1955, sendo publicado pela primeira vez na imprensa brasileira em 1960, no mês de março, na revista *Senhor*, sendo no mesmo ano incluído na coletânea de contos *Laços de Família*. De maneira geral e resumida, a narrativa desse conto trata de uma mulher em casa “voltando à insignificância com reconhecimento” (LISPECTOR, 1998, P.34)<sup>1</sup>, à espera de seu marido, para saírem e jantarem com um casal de amigos: Carlota e João.

Essa mulher, de início anônima, mantém-se em uma espécie de diálogo interno, dizendo a si o que deverá ser feito, enumerando seus afazeres e predizendo seus trabalhos. De fato, a personagem parece, a todo o momento, entoar uma espécie de mantra que lhe mantém na lucidez de uma rotina, em que ela quer permanecer a todo custo. Pois bem sabe que essa lucidez já fora rompida uma vez.

O ponto de maior intensidade do conto ocorre quando essa personagem, designada como Laura, se vê diante de um ramalhete de rosas, o qual pretende dar a amiga Carlota. No entanto, esse ramalhete a entorpece e a desatina de tal modo, despertando-lhe uma sequência de pensamentos e ações, nos quais se subentende a retomada de um estado experimentado. “- Voltou, Armando. Voltou” (LISPECTOR, 1998, p.52), sanciona Laura ao esposo. O marido, então, a olha com timidez e respeito e recebe os pedidos de perdão de uma mulher “alerta e tranquila como num trem. Que já partira.” (LISPECTOR, 1998, p. 53).

A partir dessa narrativa, utilizaremos o arcabouço teórico e as ferramentas da semiótica de Paris para descrever e explicar o que o texto diz e como diz. Examinando o plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a *geração do sentido*, que se triparte em nível fundamental, narrativo e discursivo. Desses níveis, observaremos mais atentamente o nível narrativo e o fundamental, pois almejamos depreender as estruturas narrativas e profundas que expliquem o porquê do ator Laura ora estar em conjunção com a lógica da justa medida, ora em desacordo com ela.

<sup>1</sup> Trecho da narrativa que situa de forma indeterminada a protagonista, para assim criar um mistério de onde ela tenha voltado, sendo construída a interpretação ao longo do enredo de uma possível volta do sanatório.

Portanto, nossa proposta para este estudo é a partir do exame das estruturas narrativas do conto *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector, chegar às estruturas profundas que revelem assim os sistemas de valores da protagonista Laura e a interferência da lógica da justa medida na construção de identidade dessa personagem.

## DEFININDO OS OBJETIVOS DE NOSSA ANÁLISE

Nosso estudo tem por objetivo analisar, por meio de uma leitura semiótica, a lógica da justa medida na construção de identidade da personagem Laura do conto *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector. Assim, através do exame das estruturas narrativas e profundas do conto, propomos investigar os sistemas de valores e a lógica da justa medida, os quais impulsionam as ações regradas da protagonista desse conto, Laura.

O interesse por esse ator se justifica, porque Laura é uma personagem construída tanto no eixo do limiar, quanto do limite. Fato que instiga uma investigação sobre o campo de atuação da lógica da justa medida, que prima pela ordem e pelo nivelamento das ações em meio ao um mundo, a princípio caótico pela envergadura de nossos instintos, mas que é domesticado pelas práxis sociais que nos permeiam.

Sendo assim, o que nos propomos a investigar é como essa lógica pode se instaurar em uma personagem complexa como Laura que ora se prende aos paradigmas e ora os questiona, caindo em devaneios.

Luiz Tatit (2008, p.196) comenta que “cada texto constrói sua coerência interna cabe à teoria refinar seus instrumentos de análise para dar conta das particularidades que fazem dos textos objetos de estudo sempre singulares”. Desse modo, escolhemos a semiótica discursiva, que se interessa pelo *parecer do sentido*, que se apreende por meio das formas de linguagem e, mais materialmente, dos discursos que o manifestam, como arcabouço teórico.

Seguindo, essa perspectiva teórica, examinaremos o percurso que gera o sentido e que agrega valores às oposições semânticas, as quais se estabelecem do nível mais superficial até o mais profundo, permitindo apreender, assim, nas sequências lógicas do nível narrativo, pontos de referência, aos quais nos sustentaremos para interpretar o texto clariciano. Em busca de realizar uma leitura semiótica da construção de identidade na protagonista Laura, nosso foco

será as estruturas narrativas, depreendidas do nível narrativo, para alcançarmos, em uma segunda instância, as estruturas profundas que nos possibilitem elaborar um quadro semiótico dos sistemas de valores fundamentais do ator Laura.

Portanto, utilizando o arsenal teórico oferecido pela semiótica greimasiana, buscamos explicar como a protagonista Laura constrói sua identidade e como a lógica da justa medida interfere nessa construção.

## ANÁLISE DO CONTO *A IMITAÇÃO DA ROSA*, DE CLARICE LISPECTOR

### Estruturas narrativas

No conto *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector, observamos que a autora descreve mais os estados da protagonista Laura do que as suas transformações. Observa-se, então, que a narrativa caracteriza-se mais por ser uma alternância de enunciados de estado do que propriamente de transformação.

Com efeito, desde o início do conto se estabelece uma sequência narrativa, pois estão pressupostas duas narrativas mínimas de estado a essa atual, que é tanto uma narrativa de estado quanto de transformação de estado. Para darmos início ao estudo da narratividade do texto, atentaremos às narrativas mínimas (pressupostas) que precedem a essa narrativa atual, que é a corrente na maior parte do conto.

Na primeira narrativa pressuposta, a que se encontra mais distante temporalmente, o Sujeito Laura ( $S_1$ ) apresenta-se em conjunção com seu Objeto de valor (Ov), *ser uma modesta esposa*<sup>2</sup>. O Sujeito Armando apresenta-se na narrativa como  $S_2$  cujo Ov era *ter uma dócil esposa*. Nesta narrativa, o  $S_1$  e o  $S_2$  encontram-se em conjunção, pois nota-se que esse querer do  $S_2$  é recíproco a realização no  $S_1$ : “[Armando] encontrará-la [Laura] chatinha, boa e diligente, a mulher sua” (LISPECTOR, 1998, p. 51).

O que se nota nessa conjuntura é uma busca de ambos os sujeitos pela imagem neutra do outro, aquela a qual o outro pode confiar (sob o prisma da sociedade, da coletividade), pois não estará no excesso e nem na falta, mas na medida certa, ou melhor, na justa medida.

No entanto, observamos uma maior dominância do  $S_2$  sobre o  $S_1$ . Contudo, isso não desmonta a nossa hipótese, que nos dois sujeitos o modal do *querer* está relacionado à lógica da neutralidade, pois se, de um lado, temos uma mulher que

<sup>2</sup> “Ela que nunca ambicionara senão ser a mulher de um homem” (LISPECTOR, 1998, p. 37, grifo nosso).

*quer* um esposo, de outro, temos um homem que *quer* uma esposa, entrando em conjunção os dois ao Ov comum: *formar uma família*, que faz parte da lógica da justa medida, que sanciona que tanto o solteiro (polo da deficiência), quanto o bígamo (polo do excesso<sup>3</sup>) são disfóricos. Sendo, portanto, as pessoas casadas, constituintes de uma família em potencial, euforizadas culturalmente.

Já na segunda narrativa pressuposta, subsequente a essa primeira narrativa temporalmente, o Sujeito Laura re-estabelece-se na narrativa em busca de outro Ov: agora ela busca a *perfeição*. Mas ela busca em outro programa, um programa auxiliar.

Esse programa auxiliar apresenta-se de forma peculiar, visto que para ela obter esse Ov, o S<sub>1</sub> entra numa espécie de loucura, um tipo de neurose (segundo a perspectiva coletiva), que é figurativizado como extravagância: “[...] ela que voltara enfim da extravagância” (LISPECTOR, 1998. p. 38). Portanto, essa extravagância tende à ordem do excesso, sendo conseqüentemente, segundo a lógica da justa medida, disforizada pela coletividade.

Fato que é confirmado pelo Destinador-Julgador, representado pelo ator coletivo *as pessoas* (em destaque, Armando S<sub>2</sub> que participa desse grupo social), que julga o S<sub>1</sub> não perfeita *de verdade*. Esta relação de veridicção cabe neste momento, porque para o Destinador-Julgador perfeita de verdade seria apenas e somente a pessoa em conjunção com as normas promulgadas e legitimadas pela lógica da neutralidade, a qual S<sub>1</sub> não se encaixa mais, porque, ao ser “super-humana” (LISPECTOR, 1998. p. 38), com “aquela terrível independência” (LISPECTOR, 1998. p. 38), o S<sub>1</sub> estaria no polo do excesso.

Temos, então, duas conceptualizações sobre o termo *perfeição*. O primeiro conceito de *perfeição* (Perf. 1) se refere a conceptualização atribuída pelo S<sub>1</sub>, que considera perfeito o ser do (polo do) excesso, que atingiu o mais alto grau numa escala de valores, sendo, portanto, único, sem-par, super-humano.

A segunda conceituação de *perfeição* (Perf. 2) é a interpretação do Destinador-Julgador, figurativizado na coletividade, que entende uma pessoa perfeita por aquele indivíduo padrão e ideal, o mais comum dos homens, por ser o modelo.

Nota-se que o Sujeito Armando se liga a segunda conceptualização. Logo, ele entende que o S<sub>1</sub> não está em *perfeito* estado e então obtém a sanção positiva do Destinador-Julgador para internar-lo.

3 Segundo a cultura ocidental dominante.

Em decorrência dessa sanção,  $S_1$  é medicado e tratado sob a supervisão de uma Enfermeira e um Médico. Após um tempo (indeterminado na narrativa), recupera-se e tenta se adaptar novamente a lógica da neutralidade, na qual o seu núcleo social esta baseado. Isso porque o desejo de  $S_1$  é retornar ao enunciado de estado anterior, em que estava em conjunção com Ov promulgado pela lógica da justa medida, ser *apenas* uma modesta esposa, sem excessos. Essa é, então, a primeira narrativa pressuposta no enredo do conto clariciano.

A segunda narrativa mínima pressuposta é finalizada quando o ator Laura regressa do internamento, retomando seus afazeres domésticos costumeiros. Contudo, nota-se algo de diferente nesse *sujeito retornado*.

Observa-se, nesse retorno, a inclusão de um outro Sujeito, interno a Laura, que, de certa modo, almeja sua permência na Perf. 1 e não seu retorno a Perf. 2. Contudo, ressalta-se que essa inserção de outro Sujeito, ainda indeterminado, não acontece de forma pontual, ele se devolve durante a narrativa paulatinamente.

A presença desse outro sujeito, na terminologia semiótica, um contrassujeito, uma vez que tem um programa narrativo contrário ao sujeito, é percebido com maior clareza na cena em que Laura vislumbra a beleza das rosas.

O ator Laura, ao encantar-se pela beleza e a perfeição das rosas, que comprara na feira de manhã e que, agora, estavam num vaso em sua sala, decide repentinamente dar à Carlota: “então Laura teve uma ideia [...]: porque não pedir a Maria para passar por Carlota e deixar-lhe as rosas de presente?” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Aparentemente, uma decisão casual e gentil e, a princípio, coerente com a lógica da justa medida, que aconselha estreitar os laços de amizade através da troca de presentes. No entanto, essa decisão fora uma forma de proteção e defesa do Sujeito Laura, pois ele sabia o risco que as rosas representam. As rosas eram tão bonitas, que só de olhá-las a atenção transformava-se em suave prazer.

As rosas simbolizavam o excesso e através desse excesso, Laura perderia-se novamente em busca da Perf. 1, pois ela poderia se deixar levar pelo poder de Perf. 1, nesse caso, representado pela beleza *em excesso* das rosas.

Então, o ator Laura é tomado pela epifania. Ela reconhece que a beleza das rosas, já haviam lhe roubado a tranquilidade, ou seja, ela já estava em desacordo com a lógica da justa medida: estava novamente no polo do excesso. A beleza das rosas rompe seu estado de submissa aceitação.

Como uma forma de reação e defesa a esta conjuntura, Laura, no percurso da intimidação, torna-se seu próprio Destinator-Manipulador, buscando, dessa maneira, retornar a Perf. 2, através da aquisição da competência do *dever-poder-não-ser* Perf.1.

O primeiro objeto auxiliar desse programa narrativo aparece quando o Laura (S<sub>1</sub>) dá as rosas. Todavia, observa-se que ainda é preciso um outro objeto auxiliar, nesse caso *não desejar as rosas* (Ov<sub>2</sub>) para que no programa principal se realize a conjunção com o Ov<sub>3</sub> *permanecer na Perf. 2*.

Contudo, quando S<sub>1</sub> já está decidida a dar as rosas e dessa maneira cumprir o primeiro programa narrativo auxiliar, há uma ruptura dessa narrativa, pois o mesmo ator Laura se torna Antissujeito do S<sub>1</sub>, através de um sincretismo actancial, no qual ela também assume o papel de seu Anti-Destinator, já que formou um Antissujeito, no modo da tentação, com o objeto modal *querer-poder-ser* Perf.1 e o Ov Perf.1: “E então, incoercível, suave, ela insinuou em si mesma: não dê as rosas, elas são lindas.” (LISPECTOR, 1998, p. 46.).

É nesse momento, então, que o outro Sujeito interno em Laura toma forma, ele se assume contundentemente o papel de Antissujeito. Em decorrência disso, também temos um segundo programa, promulgado pelo Anti- Sujeito, concorrendo na narrativa, que dispõe como programa narrativo principal buscar o Ov<sub>1</sub>. Perf.1 e outros dois programas auxiliares, Ov<sub>2</sub> *ficar com as rosas* e Ov<sub>3</sub> *desejar as rosas*.

Observamos na narrativa do conto, que há esses dois percursos e que são bem marcados. Mas ao mesmo tempo em que eles se estabelecem e eles se confrontam dentro do campo do *querer* do ator Laura.

Laura deve decidir-se: cumprir o papel de Sujeito ou de Antissujeito. Resultado disso é um conflito dentro desse ator, que não consegue definir qual programa narrativo executar.

Essa indecisão ocorre, porque esse ator sabe que ao escolher um programa, comprometerá ou invalidará o outro, infalivelmente. E Laura está neste ambiente da escolha, porque ela é da ordem do inacabamento, do eixo do limiar, pois se ela fosse do eixo do limite, como seu cônjuge, consequentemente estaria decidida pelo programa narrativo do Sujeito que compactua com a lógica da justa medida.

Esse fato corrobora nossa afirmação que Laura é um ator complexo. Complexo, porque envolve dentro de si duas forças contrárias que não se anulam, mas digladiam. Esse ator exhibe dois programas narrativos distintos e é um ator

que sincretiza vários papéis actanciais, e o que justifica ela ser complexa é a sua construção no eixo do limiar, da própria não determinação, do inacabamento.

Armando, a empregada Maria, Carlota e, em uma instância pressuposta, o marido desta última, João aparecem na narrativa como Adjuvantes do Sujeito que o auxiliam para que Laura permaneça na Perf. 2, como todos ao seu redor. Todos esses alienados na lógica da justa medida e submissos a seus padrões e convenções sociais. De maneira oposta, esses atores apresentam-se como Oponentes no programa do Antissujeito.

Já o ator Médico é um actante complexo, pois pode ser Adjuvante e Oponente tanto para o Sujeito quanto para o Antissujeito. Isso ocorre, porque ao prescrever as receitas médicas, cumprindo assim sua função e legitimando com as suas prescrições as normas<sup>4</sup> para se restituir a lógica da justa medida, o Médico seria semelhante aos demais atores acima, Adjuvante ao Sujeito e Oponente ao Antissujeito. Entretanto, esse ator abre uma brecha nessa lógica da neutralidade.

O Médico atribui maior liberdade<sup>5</sup> do que lógica da justa medida permite à paciente. Já que essa liberdade é um dos estopins para o ator Laura se rebelar e instaurar o Antissujeito. Esse ator, ao abrir essa brecha, torna-se Oponente para o Sujeito e Adjuvante para o Antissujeito.

Por isso, concebemos esse ator Médico como um actante complexo que pode ser Adjuvante e Oponente tanto no percurso do Sujeito, quanto no do Antissujeito, dependendo assim do ponto de vista que se interpreta esse ator.

No percurso narrativo do ator Laura, nota-se que o Sujeito cumpre o primeiro programa auxiliar quando Laura envia as rosas à Carlota, porém tal ação não foi suficiente para que o Antissujeito não cumprisse seu programa. Pois, o desejo despertado pelas rosas permanece em Laura mesmo quando o objeto desejado já não se encontra em sua posse.

Em seguida, depreendemos que o Antissujeito alcança seu  $Ov_3$ , *desejar as rosas* devido a esse despertador do desejo em Laura, que se torna uma brecha nesse ator para que ele realize o programa narrativo principal do Antissujeito, *instauração da Perf. 1 (Ov<sub>1</sub>)*.

4 “Se o médico dissera: ‘Tome leite entre as refeições, nunca fique com o estômago vazio pois isso dá ansiedade’ — então, mesmo sem ameaça de ansiedade, ela tomava sem discutir gole por gole, dia após dia, não falhara nunca, obedecendo de olhos fechados, com um ligeiro ardor para que não pudesse enxergar em si a menor incredulidade.” (LISPECTOR, 1998, p. 36)

5 “O embaraçante é que o médico parecia contradizer-se quando, ao mesmo tempo que recomendava uma ordem precisa que ela queria seguir com o zelo de uma convertida, dissera também: ‘Abandone-se, tente tudo suavemente, não se esforce por conseguir — esqueça completamente o que aconteceu e tudo voltará com naturalidade’ ” (LISPECTOR, 1998, p. 36, grifo nosso).

Verifica-se, então, que para o Antissujeito *ficar com as rosas* (Ov<sub>2</sub>), não era primordial para alcançar seu objeto principal (Ov<sub>1</sub>) bastando apenas que se despertasse a falta desse objeto no ator, para que a Perf.1 fosse despertada novamente em Laura: “E as rosas faziam-lhe falta. Haviam deixado um lugar claro dentro dela [...] um lugar sem poeira e sem sono dentro dela” (LISPECTOR, 1998, p. 50).

Na sanção interna, o Sujeito foi sancionado negativamente, pois seu desempenho não foi completo, uma vez que a ação deste não foi reconhecida como verdadeira por seu Destinador-Julgador, manifestado sincreticamente no ator Laura, pois ele não conseguiu cumprir seus outros programas (Ov<sub>2</sub> e Ov<sub>3</sub>).

Uma vez que o Sujeito não conseguiu cumprir seus outros programas e o Antissujeito sim, é este último que é reconhecido positivamente por sua performance pelo Destinador-Julgador: “-Não pude impedir, disse ela [...] Foi por causa das rosas” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Logo, o Sujeito não recupera seu Ov<sub>1</sub>, Perf. 2, enquanto o Antissujeito instaura a Perf.1 no ator Laura, graças ao despertar do desejo provocado pela beleza excessiva das rosas.

Sumariamente, o que observamos com a análise das estruturas narrativas em correlato com a lógica da justa medida foi que o ator Laura passou por teve três etapas, a saber:

- *Etapa 1*: conjunção com Ov *ser uma modesta esposa*, no qual ela se encaixava sem dúvidas no Ov *ter uma dócil esposa* de Armando. Comungando ambos, sob a égide lógica da justa medida, o Ov comum: *formar uma família*. Laura está em acordo (conjunção) com a lógica da justa medida.
- *Etapa 2*: conjunção com outro Ov. Agora, Laura *quer ser perfeita*, mas essa perfeição se realiza como Perf.1, como a perfeição do excesso, que se contrapõe a perfeição do padrão, pressuposta pela lógica da justa medida (Perf. 2). Nesse modo, o ator Laura entra em disjunção com a lógica da justa medida (e seus adeptos, como, por exemplo, seu cônjuge Armando), pois está no polo do excesso.
- *Etapa 3*: disputa entre dois programas narrativos, um que busca o retorno à conjuntura da etapa 1 (percurso narrativo do Sujeito), outro que quer a permanência da etapa 2 (percurso narrativo do Antissujeito). Depois de um intenso conflito interno e graças à brecha aberta pelo



objeto do excesso (as rosas), o ator Laura é tomado pelo desejo da perfeição (Perf. 1) e volta ao polo do excesso. Portanto, Laura entra em disjunção com os sistemas de valores da lógica da justa medida, ao ser despertada pelo desejo do excesso.

### Estruturas profundas

Através das estruturas narrativas apreendidas, podemos inferir, nas estruturas profundas do conto *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector, que o percurso do *Sujeito*, figurativizado em Laura, aconteceu apenas no patamar do *parecer*, ficando apenas no nível da *ilusão* (parece ser, mas não é), o que acaba por materializar como uma *falsidade* (nem é e nem mais parece ser) no nível da manifestação.

Já o *Antissujeito* se apresentou no plano do *segredo* (é, mas não parece ser), que a princípio foi concebido como ilusão (não é, mas parece ser), mas, depois da sanção de Laura, ele revelou ser *verdade* (é e parece ser).

Para melhor demonstrarmos essas oscilações, mostramos, abaixo, o octógono de veridicção, Fig. 1, criado por Greimas e Courtés (2008, p. 532), para que assim possamos observar a construção de identidade do ator Laura, constituído, principalmente, pelos percursos narrativos do Sujeito e do Antissujeito, no nível narrativo.

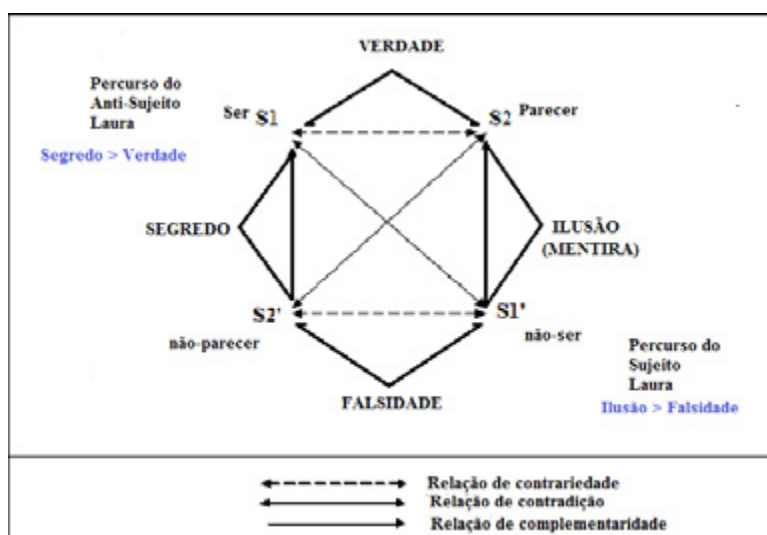


Figura 1: Octógono de veridicção

Como podemos observar no octógono, Laura tentou se adequar novamente as regras e convenções sociais estabelecidas e sustentadas (e muitas vezes construídas) sob a égide da lógica da justa medida. Ela queria ser e parecer (verdade) estar em conjunção com essa lógica, porém só conseguiu parecer (ilusão).

Evidências desse fato é seu mantra de tarefas a fazer<sup>6</sup>, que percorre todo o conto. Essa atitude é uma tentativa de Laura, que tem como finalidade recolocar-se novamente na esfera social da neutralidade, na qual as pessoas trabalham o dia todo, ficam cansadas. Daí a satisfação de Laura em ficar cansada.

Estar cansada, ter aquela estafa significava ser igual aos outros, estar novamente na *rotina social*: “passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer. Oh como era bom estar de novo cansada.” (LISPECTOR, 1998, p. 47, grifo nosso).

Embora ela se empenha-se, isso não passou de um *parecer ser*. Esse parecer também foi figurativizado na corporeidade da protagonista. Em sua descrição, ela busca pela impessoalidade, pela graça doméstica e pela submissão, pois ela quer ser concebida como uma esposa na sociedade patriarcal da década de 20, temporalidade que sustenta a narrativa.

Outra peculiaridade de Laura é sua predileção pela cor marrom, uma cor neutra que se distribui pelos seus cabelos, olhos, pele e vestido: “castanha como obscuramente achava que uma esposa devia ser” (LISPECTOR, 1998, P. 41), que retoma nesse ator o tema da impessoalidade.

Todos esses traços reforçam a afirmação da interferência da justa medida na identidade da protagonista. Pois, vejamos, como Laura se monta para os outros? Como uma esposa submissa, com um ar modesto de mulher, de cabelos, olhos, pele e vestido marrons, como dissemos. Então, o modo como Laura se presentifica é da ordem da justa medida, pois encaixa-se na ordem neutralidade: nem excesso (que pediria exuberância nos traços), nem insuficiência (na qual se notaria ausência de traços).

Essa conjunção entre os valores da impessoalidade com o sistema de valores de Laura ocorre, porque ela quer permanecer nessa lógica, na Perf.2, já que é só dentro das convenções dessa lógica que a protagonista poderá se manter no grupo social no qual vive.

Lembremos que o ajustamento ou não a essas convenções sociais levam a uma sanção cognitiva, que no caso de Laura pode ser *sã* (sanção positiva) ou *insana* (sanção negativa), que gera, conseqüentemente, uma sanção pragmática: se positiva, possibilita que a protagonista continue circulando livremente e

6 “O que devia fazer, mexendo-se com familiaridade naquela íntima riqueza da rotina [...] era 1º) esperar que a empregada estivesse pronta; 2º) dar-lhe o dinheiro para ela já trazer a carne de manhã [...] 3º) começar minuciosamente a se lavar e a se vestir, entregando-se sem reserva ao prazer de fazer o tempo render.” (LISPECTOR, 1998, 40).

conviva em sociedade, mas, se negativa, ela será afastada do convívio social (será novamente internada).

Por isso, Laura se apresenta na ordem do *parecer ser*. Entretanto, se ela está na ordem do parecer, logo o que Laura realiza é uma simulação, uma ilusão. Logo, há em seu interior (no ser) outra realidade que quer se instaurar, no caso, o Perf. 1. E, a qualquer momento, esse ser vai se manifestar.

Esse estímulo interno encontra-se no eixo da natureza, que deseja libertar-se dos grilhões do eixo oposto, o eixo da cultura. Nesse embate interno constrói-se no nível narrativo duas forças opostas: um Sujeito e um antissujeito. Lembrando que Antissujeito propõe um programa narrativo radicalmente oposto ao do Sujeito.

Dessa forma, depreendemos que o primeiro representa, no nível profundo, os instintos e as vontades naturais de Laura, logo o eixo da natureza, enquanto que o último representa as coerções sociais e as praxes impostas ao homem natural quando esse se insere em uma sociedade, sendo este o eixo da cultura.

Seguindo essa interpretação, podemos definir que o ator Laura se constrói na narrativa sobre esses dois eixos: natureza e cultura e que estes se contrapõem (natureza vs. cultura), montando programas narrativos distintos, no nível narrativo. E a lógica da justa medida interfere nessa conjuntura, pois é sobre a lógica da justa medida que se alicerça a cultura.

Isso porque viver em sociedade, é respeitar leis, sejam as impostas pelos laços de família, sejam as judiciais e morais que governam as relações formais. Portanto, mais que uma lógica da justa medida, é uma lei da justa medida que governa nossas relações humanas. É notável a interferência da justa medida na sociedade, do mesmo modo como é evidente a presença dessa lógica na constituição do eixo da cultura. Sendo assim, podemos formular o seguinte quadro semiótico a partir sistemas de valores fundamentais observados:

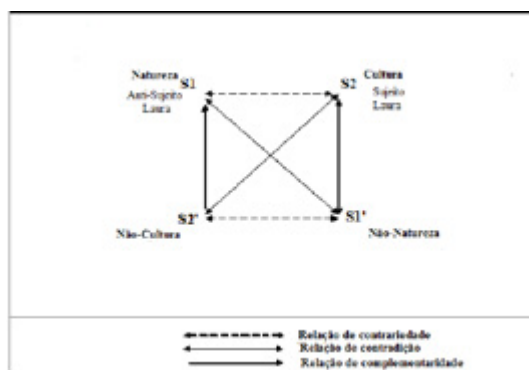


Figura 2. : Natureza vs. Cultura

O que conseguirmos depreender no nível fundamental, por meio das estruturas profundas foi que o eixo da natureza e da cultura são representados respectivamente pelo Antissujeito e pelo Sujeito e seus percursos narrativos, no nível narrativo. E que é através de um *parecer ser* que o ator Laura se instala na narrativa como Sujeito, sendo que como Antissujeito ela se apresenta no patamar do *segredo* (não parece, mas é).

A lógica da justa medida percorre os dois programas, porém sobre prismas distintos, enquanto no primeiro programa, o do Sujeito, a lógica é eufórica, contribuindo para sua instauração e constituição, no outro, o do Antissujeito, esta lógica é disfórica, pois este actante está no polo do excesso, não podendo assim se encaixar nos padrões da neutralidade dessa lógica.

Portanto, se confirma, na análise das estruturas profundas, a interferência da justa medida na construção de identidade de Laura. Pois, se, de um lado, ela obedece às regras sociais, é porque ela está agindo de acordo com o programa narrativo do Sujeito, que se baseia nessa lógica. Mas, se de outro lado, ela questiona essas regras, como faz ao perceber a prescrição médica ambígua do copo de leite, é porque ela está agindo segundo o programa narrativo do Antissujeito, que se contrasta com essa lógica, uma vez que reforça o polo do excesso<sup>7</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Laura, como um ator da ordem do limiar, configurando-se na narrativa como um ator complexo e sincrético, visto que possui mais de um papel actancial e combina duas forças contrárias, evidenciou-nos o quão tênue e frágil pode ser o limite que separa o eixo da natureza do da cultura.

Ao longo de nossa exposição, ressaltamos que a protagonista se bipartiu em fundamentalmente dois actante: o Sujeito e o Antissujeito – embora esse ator tenha cumprido outros papéis –, e que cada um desses actantes possuía seu próprio percurso narrativo com, principalmente, três objetos de valor cada um, e que estes dois percursos narrativos eram opostos. Essa foi o resultado de nossa investigação sobre as estruturas narrativas.

Mas não somente isso. Durante a narrativa, também apreendemos que o Sujeito só conseguiu executar o *Ov<sub>1</sub> dar as rosas*, não realizando os outros

<sup>7</sup> No entanto, não somente no polo do excesso. Em outros casos, Laura relata sua insuficiência, porque não possui filhos: “alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera?” (LISPECTOR, 1998, p. 35). Se a lógica da justa medida promulga que uma família deve possuir herdeiros, se Laura ainda não os possui, logo, ela está em déficit com esta lógica. Por isso, a protagonista também carrega traços do polo da insuficiência.

dois programas, enquanto que o Antissujeito aproveitando da brecha aberta pelas rosas, conseguiu cumprir despistar o desejo em Laura e concretizar seu Ov<sub>3</sub>, instaura o Perf.1. Essa estratégia narrativa descontínua do Antissujeito e imprevista pelo Sujeito culminou no bom sucesso do Antissujeito.

Além disso, investigamos, nas estruturas profundas do texto, o sistema de valores que sustentavam a identidade de Laura. Nesse exame, compreendemos que o Sujeito se construía pela ordem do parecer, portanto Laura realmente não é como ela aparenta ser, ela cria um simulacro de si. E o ator fazia isso por meio de figuras que remetiam ao tema da impessoalidade e da ordem, como podemos perceber pelo seu gosto pelo método e por sua caracterização sobre a cor marrom. Assim sendo, a lógica da justa medida não somente influía sobre as ações dos sujeitos, mas também sobre as figuras e os temas que os caracterizavam.

Outra estratégia que desvelamos foi a do Antissujeito que se construía sob a égide do segredo. Segredo, porque Laura é uma pessoa que quer se libertar das amarras sociais, mas que não pode. Por isso, é, mas não aparenta ser. Daí o Antissujeito ter que habitar em Laura sob a proteção do segredo, já que uma vez revelado poderia ser sancionado negativamente pelo Destinador-Julgador, a coletividade.

Visto que o Sujeito é da ordem do *parecer* e que o Antissujeito é da ordem do *segredo*, depreendemos que esses actantes configuravam no nível fundamental respectivamente o *eixo da cultura* e o *eixo da natureza*, sendo a lógica da justa medida um ponto equidistante desses dois eixos no conto clariciano.

A lógica da justa medida não é nem excesso, nem insuficiência. Essa lógica é ponto médio entre esses campos. Assim, os gestos são controlados e a postura corporal, a identidade e as relações interpessoais devem ser corrigidas segundo regras e convenções. No entanto, essas praxes sociais podem se contrapor.

É isso que ocorre no conto clariciano, *dar ou não as rosas* torna-se um questionamento filosófico. De um lado, temos as relações de amizade que devem ser preservadas e estimuladas, então dê as flores. De outro, as relações entre o casal e o gosto de Laura que apreciou as flores e as ganhou de Armando, logo, não deve-se dar o presente do esposo.

Nesse caso, não há um meio termo. Precisa-se tomar um posição. Laura toma essa posição. Ela liberta sua parte super-humana. Ela volta.

Com efeito, nessa análise sobre as estruturas narrativas e profundas do conto *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector, compreendemos que a lógica da justa medida é muito mais que uma lógica, configura-se como uma lei dentro da sociedade e de nós, homens, a qual podemos, assim como Laura, aceitar (entrar no programa do Sujeito) ou revogar (entrar no programa do Antissujeito).

Contudo, sofreremos após nossa decisão, na maioria dos casos, duas sanções uma cognitiva e outra pragmática. A cognitiva irá julgar nossa ação, se esta se realizou em acordo ou desacordo com essa lógica e a outra, e a mais comprometedora, irá sancionar nossa permanência (ou entrada) ou afastamento do corpo social (da sociedade).

Sendo assim, depreendemos que o sistema de valores da personagem, assim como o nosso, está associado tanto ao eixo da natureza, nossos instintos e desejos, quanto ao da cultura, nosso convívio social e as regras inerentes a essa vivência. E que nossas decisões devem ser pautadas por uma análise entre esses eixos. Entretanto, a derradeira sanção não virá de nossos próprios eixos, mas dos eixos dos outros. Logo, o que Lispector nos pontou foi que a loucura não está em nós, mas na percepção do outro. Pois, quem é louco? É aquele que não se ajustou em na lógica da justa medida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORIN, J. L. A lógica da neutralidade: um caso de aspectualização do ator. In: XVIII Seminário do GEL, 1989, Lorena. *XVIII Anais de seminários do GEL*. Lorena: Prefeitura Municipal de Lorena, 1989, p. 348-355.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução: Alceu Dias et tal. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; LANDOWSKI, E. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global, 1986.

LISPECTOR, C. A imitação da rosa. In: LISPECTOR, C. *Laços de Família*. São Paulo: Rocco, 1998, p. 34-53.

TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 187-209.